

**QUESTIONANDO O QUESTIONÁRIO: EXPERIENCIANDO AS VISÕES
DE DISCENTES SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS**

Letícia Conceição Santos Ramos ALVES (Graduanda – UFS/CAPES)
Vitória Nascimento da CRUZ (Graduanda – UFS/CAPES)

Resumo: O presente trabalho é uma discussão dos dados coletados num questionário que teve como objetivo levantar o perfil de discentes de turmas do 1º. ano do ensino médio de uma escola pública no ano de 2018, por meio da aplicação de um questionário que explorou tópicos sobre as experiências marcantes dos alunos com o inglês, uso de tecnologias, entre outros aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem da língua inglesa. Tal levantamento deu-se como parte das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) da Universidade Federal de Sergipe. Conforme Paulo Freire (1980), há questões exteriores que necessitam ser evidenciadas, a realidade do aluno deve ser vista a partir da experiência existencial do mesmo, e não considerada como algo estático e bem-comportado. O levantamento dos dados do questionário aplicado nas turmas permitiu-nos compreender as particularidades que interferem na aprendizagem dos alunos e algumas questões exteriores que afetam a relação aluno e escola e que geralmente não são enfatizadas. Assim, as respostas esclareceram aspectos pertinentes à visão dos alunos sobre a língua inglesa na escola, bem como sobre como eles têm contato com a língua inglesa fora do ambiente escolar.

Palavras-chave: questionário, ensino-aprendizagem, aluno, língua inglesa

Introdução

Por meio da observação e com base no questionário aplicado nas turmas do 1º. ano I e 1º. ano H de uma escola em Aracaju, o qual faz parte do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), obtivemos os dados que nortearam as oficinas aplicadas em sala de aula, bem como observamos aspectos pertinentes relacionados à visão dos alunos sobre a língua inglesa e seu papel na escola e fora dela. Tivemos como propósito investigar o perfil das turmas para que desse modo fossem criadas alternativas de utilizar a língua inglesa levando em consideração as particularidades nas respostas dos alunos.

então? A nossa proposta com as oficinas elaboradas posteriormente baseou-se nas respostas dos alunos, investigando a presença da existência de estereótipos e buscando conectar a prevalência de certos padrões nos resultados, desse modo avaliamos como a língua inglesa é idealizada.

Percebemos que muitas respostas tendiam para o fato do inglês como língua comercial, ou como a língua que “abriria as portas” e até mesmo o uso do inglês como a válvula de escape para viajar para outros países, esse fator causou uma série de questionamentos, uma vez que vislumbrar a língua inglesa apenas na lógica do mercado não faz com que os alunos pensem nos seus direitos como cidadãos de aprender uma segunda língua, além de que se prender a essa visão pode reforçar estereótipos sobre outras culturas, não abrindo espaço para o trabalho com a cultura por exemplo, uma vez que o inglês é uma língua falada em diferentes países de culturas diferentes.

É nesse sentido que concordamos com Almeida (2010, p. 161) quando fala que apesar de não podermos escapar a lógica do mercado não devemos nos tornar reféns dele.

A aposta pela descrença no mercado, para retomar a paráfrase pascaliana, não significa a certeza de escaparmos a ele, tarefa de resto impossível e fora de nosso horizonte de escolha, mas de não o aceitarmos como ditador dos sentidos de nossa existência, sob o risco de nos tornarmos produtos. (ALMEIDA, 2010, p. 161)

Desse modo procuramos responder a tal questionamento, como não tornar-se produto? Como considerar as vivências dos alunos como parte fundamental do ensino-aprendizagem de língua inglesa? Além de pensar em formas de levar uma perspectiva diferente da língua inglesa, deveríamos nos ater aos fatores supracitados, já que estes estão intrinsecamente ligados ao ensino de base crítica que nos faz justamente repensar o que nos é posto como fixo e imutável. Ao elaborar o questionário objetivamos entender qual a relação que os alunos empreendiam com a língua inglesa fora do ambiente escolar com questões como *o que mais o motiva a estudar inglês e o que mais causa desinteresse?* Por ser uma pergunta dissertativa, pedíamos também que os alunos explicitassem os motivos da motivação ou desinteresse, procuramos entender o contexto

dos alunos, pois assim como Freire (1980, p. 15) pensamos que há a necessidade de notar a realidade do aluno não como algo estático, mas sim como algo que está em constante mudança. Desse mesmo modo percebe-se que a escola também não tem como permanecer nos mesmos moldes de décadas atrás e que a sala de aula faz parte dessa dinâmica de constante mudança.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 15)

Considerar o contexto, entender a visão dos alunos sobre a língua inglesa, foi parte fundamental na análise das respostas obtidas no questionário e nos questionamentos que surgiram a partir do mesmo.

O Questionário

Foram aplicados 30 questionários 13 no 1º. H e 17 no 1º. ano I respectivamente, composto por quinze perguntas, sendo nove dissertativas e seis objetivas, as perguntas exploraram tópicos como experiências marcantes com o inglês, uso da tecnologia para o estudo da língua inglesa, acesso à internet, questões sobre o posicionamento do aluno em relação à sua atribuição comercial e/ou profissional ao inglês e outros assuntos pertinentes. Os resultados das respostas aqui expostos são referentes às duas turmas.

A primeira pergunta *“Qual sua visão sobre a língua inglesa na escola e se participou de experiências que fizeram acreditar que aprenderia inglês”*, com 4 alternativas, teve como mais marcada a alternativa *“estudei gramática mas tive outras formas de ver o inglês”*, a segunda questão dissertativa *“ Se você participou de alguma atividade envolvendo o inglês que te marcou de forma positiva fale sobre”*, foi uma das questões menos respondidas, o que nos preocupou uma vez que o campo afetivo dos alunos com a língua inglesa é algo a ser levado em consideração.

A terceira questão referente a associação da língua inglesa e a realidade do aluno, com 4 alternativas, teve como resposta a alternativa na qual se referia a língua inglesa como fonte de oportunidades, aprender sobre novas culturas e diferentes lugares não foi citado em nenhuma das respostas, a quarta e quinta questão sobre filmes/séries recomendados pelo professor obteve a resposta “*assistiria, independente de valer nota ou não*”, o que despertou curiosidade e felicidade por percebermos que a nota não era um fator condicionante se quiséssemos trabalhar com séries e filmes.

A sexta questão fez com que pensássemos formas de utilizar os meios que os alunos mais mantinham contato com a língua inglesa, a pergunta “*de que forma o inglês está presente em sua vida?*” Possuía mais de uma alternativa, e os alunos marcaram majoritariamente música, games e redes sociais, a sétima e oitava questão sobre o que os alunos esperam da língua inglesa e sobre a motivação e desmotivação pelo inglês dos alunos obtiveram como respostas mais recorrentes “*mais oportunidades de se comunicar na língua estrangeira*” e “*o que me motiva é que posso ter oportunidades, viajar para outros países e a música*” “*o que me desmotiva é a gramática e a pronúncia difícil*”, tais perguntas foram de suma importância para entendermos a visão que os alunos têm sobre a língua inglesa, a gramática foi citada com mais recorrência nessa questão, boa parte dos alunos pediram dinâmicas em contraposição à gramática, o que nos surpreendeu é que a crítica dos alunos não era diretamente à gramática, mas sim à forma como eles a estudavam.

A nona questão dissertativa se referia ao uso de aparelhos tecnológicos para o estudo do inglês, muitos afirmaram que utilizavam o celular, porém não com a finalidade de estudar e se usavam era somente o *Google Tradutor*, mais uma vez pensamos em elaborar estratégias para conectar o aparelho celular aos assuntos da língua inglesa, pois ficou claro no questionário, que os alunos utilizavam muito o aparelho. A décima pergunta questionava se os alunos tinham dificuldade ou medo de interagir durante a aula de língua inglesa, todos responderam não, porém ao observarmos a sala de aula percebemos uma contradição, uma vez que a interação não ocorria de maneira satisfatória, o que nos

instigou, uma vez que a contradição percebida poderia significar que os alunos interagiam pouco em sala de aula por não serem provocados ou por que a maneira que viam os conteúdos não os satisfaziam.

A questão onze “*você acha que o inglês é importante para sua vida profissional?*” Obteve como resposta de forma majoritária “*sim, tenho consciência de que ter uma 2ª. língua é um diferencial no mercado de trabalho*”, ficou claro que os alunos entendiam a língua inglesa com esse propósito e limitavam suas percepções a esse fator, na questão doze sobre qual a disciplina preferida, as mais citadas foram biologia, matemática, história e por último o inglês, ao conversarmos com a professora de língua inglesa das turmas sobre a disciplina de biologia ter sido a preferência esmagadora, a mesma nos contou que a matéria de biologia possui uma sala exclusiva na escola para experimentos e os alunos por terem contato e prática ficam mais interessados, diante disso debatemos a importância de uma sala de línguas para a disciplina língua inglesa.

Após a aplicação do questionário e essa informação ter sido constatada, os alunos do programa de bolsas de iniciação à docência (PIBID) buscaram elaborar um projeto para que o acesso à uma sala de línguas fosse exclusiva para as matérias de línguas, uma grande conquista para todos do programa, pois com isso a realização das oficinas foi facilitada com uma sala específica.

A questão treze perguntava sobre a dificuldade com a disciplina de língua inglesa e muitos responderam não possuírem dificuldades, outros citaram o fator “preguiça” de estudar como motivo das notas baixas na disciplina, mas que a disciplina não representava um desafio. A décima quarta pergunta foi a menos respondida, o que dificultou nossa resolução sobre quais atividades desenvolver nas oficinas pois as sugestões dadas aos pibidianos em sua maioria foram “dinâmicas”, de forma vaga as citadas dinâmicas só nos fizeram perceber como precisávamos trabalhar formas diferenciadas de trazer a língua inglesa para o ambiente escolar público.

Por fim a questão de número quinze, também muito importante para a análise do questionário, perguntava qual a nota que os alunos atribuíam a escola de zero a dez pontos,

foram tiradas a média e a mediana das notas atribuídas, a média da escola dada pelos alunos foi 5,4 e a mediana 5, as justificativas dadas para as notas (o que também era requisito da questão) falavam do cansaço da adaptação ao ensino integral e do dia inteiro na sala de aula sem sair para outras atividades, o que fez com que relacionássemos as citações vagas sobre “dinâmicas”, pois desse modo foi possível identificar o quão cansativa pode ser uma sequência de aulas o dia inteiro, quando questionados sobre algo diferente eles não sabem ou não têm uma perspectiva diferente sobre uma aula inserida nesse contexto.

O que fazer diante de tantas variáveis?

Diante das respostas obtidas e do que foi possível levantar do contexto escolar e da relação que os alunos possuíam com a língua inglesa, traçamos o planejamento da oficina *Comprehension: Trabalhando os Assuntos da Sala de Aula de Inglês com Diferentes Materiais*, que buscou incentivar a criatividade e participação dos alunos, usando materiais diferentes para trabalhar com as quatro habilidades da língua inglesa (*listening, reading, speaking e writing*) mas também procurando conectar com os assuntos vistos em sala de aula. Tivemos como foco principal considerar o ensino como um rizoma, ou seja, algo não linear, algo não imutável. Assim, nas palavras de Trindade, delineou-se o que procuramos estabelecer como objetivo na oficina:

Quando nós seguimos a metáfora linear preestabelecida o nosso papel já foi pré-identificado, nós só temos que seguir o “script” que alguém escreveu para nós. Quando lidamos com a metáfora do rizoma, da complexidade, da pluralidade, ou seja, da confusão, aí que surge nossa responsabilidade. (TRINDADE, 2011, p. 282).

Dessa forma, subjetividade e linguagem são teorizadas como mutuamente constitutivas. O direito de falar se relaciona com a identidade do aluno de idiomas, e este tem uma ligação social historicamente construída com o idioma que quer aprender, por isso o ideal a ser questionado é “Qual é o investimento do aluno na língua alvo?”. “Como é social e historicamente construída a relação do aluno com essa língua?”. Um investimento

no idioma de destino também é um investimento na identidade social do aluno, que muda no tempo e no espaço.

É notório o apreço dos alunos ao inglês ligado às atividades de lazer como filmes, músicas e games, considerando a importância de tais atividades para os alunos nós como futuras docentes procuramos atribuir ao conteúdo a ser ensinado a dinamicidade na sala de aula, juntamente a questão cultural dos países de língua inglesa para que os alunos consigam correlacionar a extensão linguística em que o inglês está posto, assim a proposta de trabalhar com diferentes materiais para que os alunos consigam estabelecer uma relação entre os conteúdos vistos e as múltiplas ferramentas que podem ser utilizadas, mostram a configuração ampla que o inglês adquire nos dias atuais, como afirma São José (2011, p. 192), “diferente de décadas atrás, hoje nós temos várias ferramentas que podemos utilizar para estimular o empenho do aluno ao estudo”.

Considerações finais

Foi possível traçar o perfil das duas turmas através das respostas mais recorrentes: ambas as turmas deram médias próximas a cinco para a escola, significando que a estrutura e o ensino integral não os deixam muito satisfeitos, querem um ensino mais prático e dinâmico, citaram como disciplina preferida biologia, conversando com a professora descobrimos que eles têm um espaço específico para o estudo da disciplina biologia e a prática é constante na matéria, ambas acreditam que o inglês possibilitará oportunidades como viagens e mais abertura no mercado profissional, têm facilidade e maior contato com música mas sentem dificuldade com pronúncia.

Com tais informações foi possível a criação da oficina *Comprehension: Trabalhando os Assuntos da Sala de Aula de Inglês com Diferentes Materiais*, que possibilitou a abertura para um contato com a língua inglesa de forma diferente, considerando o ensino como algo dinâmico e multifacetado, para levar essas concepções e ampliar o entendimento dos alunos sobre o inglês em sala de aula, visto que o propósito da aplicação do questionário foi justamente perceber as peculiaridades das visões dos alunos e

trabalhar com tais especificidades nas oficinas. O questionário auxiliou não só com a elaboração das oficinas, mas também com a identificação de problemáticas pertinentes para os estudantes do programa de bolsas de iniciação à docência, como a necessidade da sala de línguas.

A aplicação do questionário foi uma fonte de aprendizado e enriquecimento para nossa visão como futuras professoras, perceber como os alunos visualizam o ambiente escolar foi de grande importância para nossa transição de discentes para docentes, conseguimos organizar as oficinas pensando nos aspectos que mais haviam nos tocado durante a leitura das respostas, isto posto entendemos que as respostas analisadas demonstram a necessidade de uma mudança na forma como o inglês é trabalhado em sala de aula, como também é necessário o entendimento sobre o que os alunos possuem de conhecimento prévio sobre a língua, quais as expectativas e o possível motivo que os fazem visualizar a língua inglesa de determinada maneira.

Referências

ALMEIDA, Rogério de. Educação e Escolha: As coisas pequenas e comuns da vida. In: BASSIT, Ana Zahira (org.) *O Interdisciplinar – olhares contemporâneos*. São Paulo, Factash, 2010. p. 153-164.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: Métodos ou ética? In: JORDÃO, C. M; MARTINEZ, J. Z; HALU, R. C. (Org.). *Formação “Desformatada” Práticas com Professores de Língua Inglesa*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 279-303.

SÃO JOSÉ, Elisson Souza. A necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de língua inglesa nos dias atuais. *Letras Escreve – Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, v. 1, n. 1, jan-jun 2011.